

Deus não é seu ídolo

Deus não é seu ídolo

*Um chamado para mudar o padrão de
relacionamento com o Criador*

ALEXANDRE MIGLIORANZA



MUNDO CRISTÃO

Copyright © 2022 por Alexandre da Silva Miglioranza

Os textos bíblicos foram extraídos da *Nova Versão Transformadora* (NVT), da Tyndale House Foundation, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.

É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M576d

Miglioranza, Alexandre

Deus não é seu ídolo : um chamado para mudar o padrão de relacionamento com o Criador / Alexandre Miglioranza. - 1. ed. - São Paulo : Mundo Cristão, 2022.
128 p.

ISBN 978-65-5988-106-2

1. Idolatria. 2. Adoração (Religião) - Doutrina bíblica.
3. Vida cristã. 4. Deus - Adoração e amor. I. Título.

22-77068

CDD: 231.6

CDU: 27-144.7

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Edição
Daniel Faria

Revisão
Natália Custódio

Produção
Felipe Marques

Diagramação
Felipe Marques
Marina Timm

Colaboração
Ana Luiza Ferreira
Ricardo Shoji

Capa
Guilherme Match

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:

Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 69
São Paulo, SP, Brasil
CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
www.mundocristao.com.br

Categoria: Espiritualidade
1ª edição: junho de 2022

Sumário

<i>Prefácio</i>	7
<i>Introdução</i>	11
1. A idolatria	15
2. Por que crer no Deus revelado na Bíblia?	25
3. A construção da relação com Deus	42
4. O desenvolvimento da relação com Deus	54
5. Os obstáculos na relação com Deus	69
6. Como restaurar a relação com Deus	86
7. Da independência à reconciliação	102
<i>Conclusão</i>	119
<i>Bibliografia</i>	123
<i>Sobre o autor</i>	127

Prefácio

Quando um grupo de renomados teólogos alemães aderiu ao “Manifesto dos 93”, escrito em apoio à entrada da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, Karl Barth percebeu que havia algo fundamentalmente errado na teologia da época. Se o conhecimento teológico não evidenciava quão absurdas eram as motivações daquele conflito, então a teologia se achava num engano profundo. Pior que isso: a “teologia” (que Barth define como um “discurso sobre Deus”) servia de justificativa para planos e ideias humanas. Quando falavam de Deus, na verdade, aqueles teólogos estavam falando de si mesmos.

O cristianismo cultural é formado por essa confusão entre o Criador e a humanidade, especialmente a confusão entre a voz de Deus e a voz do povo. E, nesse contexto, a teologia pode se tornar um discurso sobre o divino que tenta articular aquilo que o Senhor não disse para cumprir o que o ser humano deseja.

A solução de Barth foi a mesma dada antes dele pelo filósofo dinamarquês Soren Kierkegaard. Consideremos que não sabemos nada sobre Deus, que

Deus habita em uma nuvem de incognoscibilidade e que tudo o que podemos saber sobre ele é que o desconhecemos. Esse seria o ponto de partida de uma renovação teológica. Nós não somos Deus. Deus é, nas palavras de Rudolf Otto apropriadas por Barth, o *totalmente outro*.

Aos evangélicos contemporâneos, a ideia dessa alteridade absoluta parece uma heresia. Frequentemente, buscamos em Deus a confirmação das ideias, valores e moral que estimamos como mais sublimes. Ele é o máximo daquilo que nós consideramos bom. Deus está na prosperidade, na justiça, no trabalho duro, na família, na liberdade, na ordem etc. Deus age em nossa vida, em nossas lutas pessoais. Ele resolve nossos conflitos internos e nossos problemas externos. Seu lugar é do meu lado, não do outro lado do abismo da transcendência. O problema é que um Deus pensado como extrapolação de nós mesmos ainda é muito menor que o Deus revelado na Bíblia. Por mais elogiosas que sejam nossas projeções sobre o Criador, elas são falsas, pois só ele é a fonte de sua própria revelação.

Essa é a lição que aprendemos do segundo mandamento do Decálogo. No primeiro mandamento a idolatria é condenada: Não tenha outro Deus, porque só existe um, aquele que tirou você do Egito. Mas, no segundo mandamento, a Lei diz: Não faça imagem desse único Deus. O problema não é apenas escolher uma outra divindade para adorar, mas atribuir ao único Deus qualquer imagem ou sentido que ele mesmo

não tenha revelado. Esse é, de fato, o primeiro pecado cometido pelo povo enquanto Moisés ainda estava sobre o Sinai. O bezerro de ouro confeccionado por Arão para adoração em Êxodo 32 não era a representação de um deus estrangeiro, mas uma tentativa de dar uma imagem ao invisível EU SOU (Êx 32.4-5). O bezerro de ouro é uma quebra direta do segundo mandamento, uma formatação de Deus segundo uma imagem que não foi revelada por ele mesmo.

Quando limitamos o Criador a uma extrapolação de nossas particularidades, esculpimos os nossos bezerros de ouro. Chamamos de “Deus” uma imagem que não nos foi revelada. A adoração a esse ídolo nada mais é que uma celebração de nós mesmos. Sem a alteridade da divindade, estamos existencialmente sozinhos. Não há transcendência com quem podemos nos relacionar, apenas aspectos psicológicos da imanência.

Essa mensagem é importante para a igreja evangélica no Brasil de hoje. Depois de existir como uma comunidade contracultural por mais de um século, o protestantismo brasileiro hoje encontra-se bastante confortável em sua posição de privilégio político e relevância moral. Fala-se de uma cultura cristã a ser preservada, de uma moral familiar a ser defendida, de uma política conservadora a ser eleita em nome de Cristo. Esperamos um bem-estar econômico neste mundo, uma justiça institucional estabelecida, um entretenimento saudável, uma educação que não conflite com valores religiosos. Queremos nos cercar de Deus em

todas as esferas, mas só multiplicamos os ídolos. Relacionamo-nos com as imagens que construímos, e não com aquele que nos tira da casa da escravidão.

Alexandre Miglioranza lembra-nos do relacionamento com o Deus real revelado nas Escrituras. Somos desafiados a romper com o ídolo que construímos, essa divindade que, não por acaso, tem a nossa cara. A vida que Deus tem para nós é construída numa relação com ele mesmo e exige que o encontremos fora de nós mesmos. Ele é o oleiro, nós somos o barro. Ele o viticultor, nós os ramos. Ele o mestre, nós os discípulos. Ele o Eu Sou, nós a criação feita à sua imagem.

Roger Olson diz que a obra de Barth foi uma bomba no *playground* dos teólogos de sua época. Acredito que o presente livro tem o mesmo potencial explosivo para a vida cristã de cada um de seus leitores. Abandonemos a idolatria e voltemo-nos a um verdadeiro relacionamento com o Deus Vivo.

CARLOS “CACAU” MARQUES

Pastor na Igreja Batista Vida Nova, em Nova Odessa (SP)

Introdução

Este livro é fruto do trabalho pastoral em uma comunidade local. Não se trata, portanto, de uma obra acadêmica ou de referência. Na verdade, esta obra é o resultado de algumas de minhas pregações realizadas na Igreja Batista de Montpellier, na França, entre 2018 e 2020, e de alguns encontros de aconselhamento pastoral.

Minha maior motivação para a produção deste livro é a consciência de ser, como diz meu amigo Rodrigo Bibo de Aquino,¹ um arauto do óbvio. O óbvio precisa ser dito e repetido. Na qualidade de pastor evangélico, peguei o hábito de ser repetitivo. E quando nos tornamos repetitivos sempre vale a pena deixar nossas ideias registradas. Durante a leitura deste livro, ficará perceptível que muitos conceitos são retomados e repetidos no exame dos diversos textos bíblicos propostos,

¹Rodrigo Bibo de Aquino é o idealizador e editor-chefe do *podcast* de teologia BTCast, do qual tenho a alegria de participar desde 2013. O BTCast é um *podcast* semanal onde abordamos os diversos ramos do saber teológico com ênfase na teologia evangélica.

embora a época e o contexto literário de cada um desses trechos mudem. Mas não há problema nisso, pois Deus também ordenou a repetição regular de suas leis para seu povo.² E, ainda de acordo com o antigo provérbio latino, “*Repetita iuvant*”, isto é, repetir nos ajuda a compreender melhor.

Para escrever este livro, ou melhor, para produzir o conteúdo das pregações que lhe deram origem, utilizei o método de exegese histórico-gramatical dos textos bíblicos. Isso significa que, para verificar a mensagem de determinado trecho da Bíblia, eu considere o estudo do contexto histórico do texto, seu estilo literário, assim como o estudo etimológico de alguns termos-chave presentes nos textos em questão.³ A meu ver, este é um passo importante, pois embora não possamos entrar na mente dos autores dos textos sagrados, podemos ao menos descobrir qual era o problema que o autor verificava no meio do povo de Deus, qual método usou para abordar esse problema e qual foi a

²Um dos grandes exemplos da repetição da lei de Deus para seu povo está em Deuteronômio 4.

³Embora eu tenha utilizado alguns dicionários bíblicos impressos, na maior parte das vezes acessei o *site* Bible Hub, <www.biblehub.com>. Trata-se de uma excelente ferramenta *on-line*, especialmente para a leitura interlinear da Bíblia, uma vez que nos fornece o texto desejado nas línguas originais. Ao clicar em cima de determinado termo, somos levados a um amplo acervo de dicionários sobre a utilização daquela palavra. A intenção é mostrar que um bom estudo do texto bíblico está ao alcance de todos.

solução proposta. Além disso, utilizei um pouco do saber filosófico e sociológico para analisar o comportamento humano, principalmente em relação ao divino e ao sagrado na resolução de seus problemas pessoais e existenciais. A intenção é compará-los com aquilo que a Bíblia ensina sobre o assunto. Acredito que causará surpresa verificar que mesmo autores considerados, ou que se consideravam, ateus afirmam uma concepção justa do que seja o relacionamento do ser humano com a divindade. Do mesmo modo, não creio que possamos fechar os olhos para algumas das críticas que eles fizeram à religião ou mesmo ao cristianismo.

Em termos da estrutura do texto, isto é, a forma como os argumentos são apresentados e desenvolvidos, aproveitei o formato da pregação expositiva na transmissão de cada uma das pregações. Obviamente, adaptei o texto falado para a linguagem escrita, ainda que mantendo o mesmo padrão expositivo.⁴

O livro começa, no capítulo 1, pela definição do que é idolatria e a razão pela qual a humanidade criou e manteve ritos religiosos. Em seguida, no capítulo 2, apresento alguns motivos pelos quais devemos almejar um relacionamento com Deus de acordo com

⁴Aqui eu indico duas boas referências na preparação de pregações expositivas que me ajudaram e ainda ajudam bastante: Haddon Robinson, *Pregação bíblica: O desenvolvimento e a entrega de sermões expositivos* (São Paulo: Shedd Publicações, 2003); James Braga, *Como preparar mensagens bíblicas* (São Paulo: Vida, 2005).

Deuteronômio 5.6. Após a apresentação de algumas compreensões que Deuteronômio nos traz a respeito de Deus e de nós mesmos, eu mostro, no capítulo 3, o que Salmos 46.10 nos ensina sobre a construção do relacionamento com Deus. Assim, uma vez que aprendemos como a relação com Deus se constrói, passamos, no capítulo 4, ao desenvolvimento dessa relação a partir do Salmo 3. Mas o relacionamento entre Deus e a humanidade passa por certas dificuldades. Esse é o objeto de estudo do capítulo 5, em que analiso alguns de tais obstáculos de acordo com Isaías 1.1-20. O livro segue no capítulo 6 descrevendo a restauração do relacionamento entre Deus e seu povo após as rupturas causadas pelo ser humano segundo o texto de Miqueias 6.6-8. E, finalmente, concluo o livro no capítulo 7 com a apresentação do convite de Deus ao ser humano para sua restauração e o abandono de sua independência com base em Oseias 14.1-9.

Como se pôde perceber, o livro é formado apenas por textos do Antigo Testamento. Minha intenção é mostrar que o AT é muito mais do que um conjunto de leis religiosas válidas apenas para o povo de Israel em uma época específica ou apenas narrativas que contam a história do povo de Deus. O Antigo Testamento contém os fundamentos da relação pessoal entre Deus e seu povo.

Boa leitura, e que o Senhor nos abençoe e nos guarde.

Montpellier, inverno de 2021

1

A idolatria

Por que você, cristão, crê no que crê? Por que crê no Deus que foi revelado na Bíblia? O que torna o Deus da Bíblia o verdadeiro Deus? Alguns dirão que, no fim das contas, todas as crenças se referem ao mesmo deus, apesar das diferenças culturais. A única distinção seria, talvez, o nome que lhe é dado nas mais diversas manifestações religiosas.

O papel da religião na existência humana

Mas por que crer em um deus? Qual a utilidade da religião? No mundo antigo, a religião tinha um papel fundamental e se baseava em um conceito bastante pragmático. O psiquiatra suíço Carl Jung afirma que a religião é, sem dúvida, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana.¹ Podemos também afirmar que, para as sociedades antigas, as forças da natureza eram representadas por diversos deuses.

¹JUNG, *Psicologia e religião*, p. 7.

Como os povos dependiam grandemente dos fenômenos naturais para viver, eles adoravam os deuses que supostamente controlavam tais fenômenos, esperando um retorno pelo culto oferecido. Essa era a garantia para ter boas colheitas e não morrer de fome. Além disso, aqueles povos não sabiam qual era a vontade de seus deuses. Por isso, os ritos religiosos visavam aplacar a ira constante desses deuses e convencê-los a dar-lhes todos os meios necessários para que suas plantações pudessem frutificar. O sistema religioso, em geral, consistia na manipulação da vontade dos deuses que comandavam os processos da natureza.² Em vez de uma relação pessoal com tais deuses, havia apenas o que poderíamos chamar de uma relação mercadológica. Os deuses não eram a finalidade última na vida desses povos, mas tão somente um meio para obter desejos e necessidades. Em última análise, a religião dos povos antigos servia como um tipo de seguro para a obtenção de uma dívida divina para benefício próprio.

Ademais, havia uma forte percepção comunitária, pois todo o povo deveria unir-se na adoração dos deuses, sob o risco de privar a comunidade do favor divino. Em razão disso, todos deveriam estar atentos para preservar o *status quo* da sociedade, pois disso dependia a sobrevivência geral. Dessa forma, a experiência da religião nas sociedades antigas criou um tipo de

²WALTON et al., *Comentário histórico-cultural da Bíblia*, p. 45.

moralidade baseada na necessidade de sobrevivência.³ Não é nosso objetivo aqui fazer um tratado sobre religiões comparadas. Todavia, podemos verificar que, embora a forma das práticas religiosas tenha mudado ao longo dos séculos, assim como seu objetivo primeiro, o processo religioso manteve alguns aspectos básicos. Um deles é a moralidade social. Evidentemente, essa moralidade social não tem as mesmas características das antigas religiões, porém conserva seu papel comunitário de definir as regras sociais a partir dos conceitos religiosos.

Um dos maiores teóricos da religião como uma moral social é o filósofo prussiano do século 18 Immanuel Kant. Sob o risco de simplificar demasiadamente, poderíamos dizer que a moral em Kant é realizada pelo estrito respeito ao dever. Por exemplo, eu não devo matar por medo das consequências do crime, mas simplesmente porque isso não deve ser um ato voluntário de minha consciência. Nesse caso, Deus é o meio para concretizar a possibilidade de felicidade para o ser humano em busca de um sentido de vida.⁴ Em outras palavras, Deus é o ente no qual a aspiração da felicidade do ser humano se realiza, e os princípios religiosos servem apenas para balizar a sociedade sobre uma conduta moralmente boa, gerando a felicidade.⁵

³WALTON, *Ancient Israelite Literature in its Cultural Context*, p. 240.

⁴ZILLES, *Filosofia da religião*, p. 54.

⁵Ibid., p. 57.

Note-se que não há aqui um relacionamento pessoal com Deus. Nessa formulação, Deus não passa de uma ideia comportamental para balizar a moral social. Ou seja, o conceito de Deus e as práticas religiosas são necessárias apenas para manter os bons costumes na sociedade para que ela se sinta feliz. Alguém poderia então se perguntar: uma vez que a moral social é boa e pode regular o comportamento dos indivíduos para o bem comum, por que não usar a religião como um delimitador comportamental para a sociedade? O primeiro problema desse raciocínio é que, como cristãos, poderíamos concluir que apenas o cristianismo pode servir como regulador social, desconsiderando a existência de outras formas religiosas e ocasionando uma série de conflitos culturais. O segundo problema é reduzir o cristianismo a um regulador social. “Ah, que bom seria se todos fossem cristãos em nossa sociedade! Viveríamos todos em paz!” Surge então um terceiro problema: o esvaziamento da transcendência, isto é, desconsidera-se a presença espiritual de Deus. Isso quer dizer que a mudança de vida de alguém estará restrita somente à esfera comportamental, pois nega-se o elemento sobrenatural, uma vez que tudo passa a ser materialmente observável, como é o caso da moralidade social.

Nesse esquema, o ser humano ainda continua como o único alvo possível do processo religioso, a fé fica subordinada à moralidade, e Deus não passa de mais uma engrenagem reguladora da sociedade. E, uma vez que

a transcendência é esvaziada, quando Deus se torna apenas uma desculpa para um bom comportamento, chega-se à conclusão de que a moralidade é fruto dos esforços do ser humano, e não da ação de Deus.

Por outro lado, Ludwig Feuerbach, no século 19, afirmava que o objeto religioso se encontra dentro do próprio ser humano, e pode até mesmo equiparar-se com sua consciência. Isso significa que quando as pessoas adoram um deus qualquer, em última análise elas exprimem um desejo oculto de seu próprio coração. A realização religiosa do ser humano seria, na verdade, a exteriorização de sua consciência, ou ainda a exposição do entendimento que o ser humano tem de si mesmo.⁶ Em outras palavras, o ser humano é aquilo que ele adora, pois o suposto deus adorado é o desejo oculto em sua consciência. Deus torna-se a vontade humana de viver e não um outro ser que se coloca diante do ser humano.⁷ Feuerbach reitera essa ideia e sustenta que se o ser humano não tivesse desejos ou necessidades, não haveria religião alguma. Em outros termos, a humanidade crê em um deus porque deseja ser feliz.⁸

Assim, o ser humano contesta Deus cada vez mais a fim de se autoafirmar como independente. Para isso, reconhece que a religião existe, mas que apenas o ser

⁶FEUERBACH, *A essência do cristianismo*, p. 44-45.

⁷BARTH, *La théologie protestante au dix-neuvième siècle*, p. 329.

⁸ZILLES, *Filosofia da religião*, p. 113.

humano é seu começo, meio e fim.⁹ Antes, porém, de criticarmos Feuerbach, pensemos por um instante no teor de nossas orações. Qual é a razão última pela qual fechamos os olhos e dizemos o que dizemos? O que estamos querendo conseguir? Qual é o desejo mais puro de nossa alma quando nós o verbalizamos em forma de oração?

Essa breve análise nos permite observar que o sistema religioso tem por finalidade preencher o vazio existencial do ser humano. A religião e suas práticas servem para assegurar uma tranquilidade de consciência. Isto é, em um primeiro momento, a humanidade recorre aos rituais religiosos para garantir sua existência, pois é incapaz de controlar as forças da natureza. Depois, já em um estágio mais avançado de sua consciência existencial e científica, recorre ao âmbito religioso para certificar o bom comportamento na sociedade. Por essa razão, de um jeito ou de outro, o ser humano é sempre o alvo do processo religioso. Não há, nesse caso, uma experiência religiosa genuína, uma vez que o plano sobrenatural foi substituído pelas atitudes naturais do ser humano.¹⁰ A divindade é apenas um instrumento, um meio para que a humanidade seja contemplada nas ações religiosas, cujo centro é ela própria.

⁹BARTH, *La théologie protestante au dix-neuvième siècle*, p. 330.

¹⁰ROSA, *Psicologia da religião*, p. 57.